

AS CRIANÇAS E O CONSUMO: ALGUMAS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO ACTUAIS.

*Maria Margarida Morgado**

RESUMO

Aborda-se a problemática da criança e do consumo, em articulação, enquanto uma das áreas de investigação académica mais populares na actualidade, propondo uma reflexão sobre as implicações culturais que exibem e que escondem. O artigo pretende também ser um esboço bibliográfico introdutório a esta temática, incidindo essencialmente em estudos conduzidos em inglês.

ABSTRACT

The article concentrates on young people (children) as consumers as one of the most popular academic research areas of the last decades and aims at uncovering the cultural implications it announces and hides. The article also purports to be an introductory bibliographical annotation of research in the above mentioned area in English.

INTRODUÇÃO

É meu objectivo neste pequeno artigo dar ao leitor algumas pistas sobre quais as orientações da investigação mais frequentemente desenvolvida na actualidade com referência à articulação entre criança e consumo de um ponto de vista da análise cultural. A criança é aqui entendida no sentido lato que lhe atribui a UNICEF (de indivíduo até aos 18 anos), embora a maior parte dos estudos referidos se refiram à infância e aos primeiros anos da adolescência. O presente artigo pretende ser também um esboço bibliográfico introdutório daquelas obras que podem traçar, para o leitor, percursos e temas de investigação, bem como dar ao leitor uma panorâmica abrangente, interdisciplinar, nas ciências sociais e humanas, com especial ênfase numa bibliografia crítica em inglês, dado que são os estudos ingleses a minha área de investigação.

* Professora-coordenadora da Escola Superior de Educação de Castelo Branco

A CRIANÇA NA CULTURA

Existem muitas formas contemporâneas de representação cultural da criança e do seu consumo. Aliás, é pelo consumo que a investigação actual pretende aceder à criança: a criança e os média é o tema de Winn 1977; Falchikov 1991; Holland 1992; 1996; Stanger 1997, entre tantos outros que se poderiam citar; os efeitos da publicidade na vida da criança é o tema de Holland 1992; 1996 e de Nava and Nava 1996; a criança e o cinema é abordado por Warner 1993; Walkerdine 1997; Staples 1997). Para além destas áreas do consumo, existem diversos discursos meio populares, meio académicos, que servem de guias para pais, os quais não deixam de parte a condição da criança enquanto agente do consumo: em Brazelton 1983; Spock 1985; Miles 1994; Sharpe 1994; Leach 1994. Aliás, é pelo consumo de artefactos culturais que autores como James 1982; Kinder 1991; Kline 1993; McRobbie 1991; 1994a; Zhao 1996; Zipes 1997 pretendem abordar 'a criança' na contemporaneidade.

Obras de síntese da investigação da criança como são, na sociologia (James and Prout 1990; Jenks 1996) e na história social (Cunningham 1991; Steedman 1991; 1995; Pilcher and Wagg 1996), mais do que delimitarem a investigação cultural da criança, formulam um problema que consideramos central para a investigação da criança: em torno dela configura-se um conflito cultural central de representação (vide Rose 1992) que coloca frente a frente aqueles que propõem versões essenciais e a-históricas de criança, destacando a concepção de uma criança igual a si própria através dos tempos, relações 'naturais' (porque 'biológicas' e 'psicológicas') entre pais e filhos, e os que insistem em salientar a criança *construída* num espaço, num tempo e por discursos todos eles localizados na história, instável de sentido, nunca estabilizada numa única imagem e conceito, sempre polissémica, plural e variada, e, consequentemente, carente de teorização, e, quase sempre, vítima do consumo *ou* agente do consumo.

O facto de James and Prout (1990), de Jenks (1996), de Rose (1992), de Walkerdine (1997), entre outros, confluírem, a partir das suas diversas áreas disciplinares, para uma mesma perspectiva de investigação da criança, que a define parcialmente enquanto construção discursiva, culturalmente específica, sobrepondo-se a, e contestando, o objecto de investigação 'o que é uma criança?' para o definir em termos universais e essenciais, permite-nos perspectivar a hipótese de que nos encontramos em presença de um novo regime de representação da criança que se ramifica em múltiplas abordagens e metodologias. Convém, no entanto, perceber que, podendo embora com reservas, falar-se de um novo paradigma de investigação (Prout and James 1990) no sentido kuhniano, que substitui à questão de saber 'o que é uma criança?' a de analisar 'como as crianças significam na cultura em determinado momento', estes regimes de representação se encontram em luta por afirmação nas práticas culturais e que nem sempre os seus cultores têm consciência dos seus modos de inscrição num ou no outro quando escrevem, por exemplo, no âmbito da crítica cultural e literária sobre os livros destinados às crianças e aos jovens.

Prout and James (1990, 5) são os autores que primeiro articulam a ideia de um novo paradigma na sociologia da infância, que eles consideram ainda implícito, uma possibilidade de desenvolvimento dos estudos da criança e ainda não propriamente um conjunto de postulados teóricos. O novo paradigma é caracterizado pelo entendimento da infância como uma construção social e enquanto instituição que enquadra os primeiros anos de vida dos seres humanos, existentes em todas as sociedades, embora com variações culturais. Como construção social, a infância revela uma diversidade de infâncias em que as variáveis são geralmente a

classe social, o sexo, a raça ou etnia. Além disso, as crianças não são meros sujeitos passivos de processos e estruturas sociais ou das construções dos adultos. Elas possuem uma voz que deve ser ouvida directamente. Elas vivem num presente que importa analisar enquanto tal. As crianças, na sua diversidade, possuem modos distintos de desenvolvimento cognitivo e emocional que fogem aos padrões definidos pela psicologia do desenvolvimento piagetiana, por exemplo. A posição adoptada implica, por um lado, que não se pode falar da criança como uma realidade universal ou uma essência, mas de crianças com experiências sociais diversas.

As repercussões práticas desta nova posição são visíveis nas novas metodologias adoptadas (predominantemente etnográficas) e no tipo de projectos de reflexão e de escrita produzidos: biografias de crianças individuais, análises de dados estatísticos que não consideram a criança apenas como um dado do agregado familiar, mas como um elemento específico da idade (Woodhead 1990); abordagens semióticas da linguagem das crianças, já não entendida como pré-social ou pré-racional, mas como possuindo os seus ritmos e características próprias; explorações dos mundos semi-autónomos das crianças (Hardman 1973 cit. in Prout and James 1990, 23) e neles o do brincar infantil, o do sonho e do desenho infantil como formas de expressão e de linguagem da criança pequena (vide Winnicott 1971; Dolto and Nasio 1987; Matthews 1999); ensaios no âmbito da educação que olham a criança como participante activa no processo educativo, com respeito pela experiência e a cultura de cada aluno (Woods 1980; Giroux 1994); observações psicológicas que interligam a esfera psicológica com a social (Donaldson 1978); análises de experiência, etnográficas, sobre os hábitos e impressões de leitura dos jovens (Sarland 1991; Benton 1994; Knowles and Malmkjaer 1996); e abordagens psico-culturais como a de Walkerdine (1997) a qual sustenta que todos os produtos culturais de massa se entrelaçam de forma subtil com os seus públicos, com as percepções subjectivas que estes têm da realidade.

CRIANÇA E CONSUMO

As investigações mais recentes parecem afirmar que os estudos da criança serão articuláveis, porventura, pelo consumo, sensíveis aos modos de produção da criança no contexto das tecnologias de poder adulto e à análise sociológica do que é produzido para a criança no campo dos média (Hodge and Tripp 1986; Nava and Nava 1996; Kinder 1991; Kline 1993; Bazalgette and Buckingham 1993) das revistas (Cadogan and Craig 1986; McRobbie 1991; 1994; 1997), dos doces (James 1982), dos brinquedos (Kinder 1991; Kline 1993; Zhao and Murdock 1996; Fleming 1996), do consumo em geral (Nava 1992; Zipes 1997). As vidas infantis são definidas pela interacção com o que é produzido para elas, auscultando potencialidades da sua resistência, umas vezes, outras — a maioria — denunciando a invasão das imaginações infantis pelos adultos. Segundo Kline (1993), as indústrias de imagens, programas televisivos e filmes para crianças invadiram a imaginação das crianças, preenchendo-as com fantasias pré-fabricadas por adultos, para Cox (1996) o texto pós-moderno afasta o adulto, autor, das sensibilidades infantis. O argumento de Cox (1996, 166-7) cola-se ao de Stephen Kline (1993) e de Marsha Kinder (1991), os quais denunciam a existência nas narrativas televisivas de um excesso de imagens de fantasia do real, do sinistro, de jogo pós-moderno com a realidade, na concepção de figuras como o He-Man, a She-Ra ou as Tartarugas Ninja Mutáveis, que deturpam as imaginações infantis e, por arrastamento, as próprias crianças.

O facto de se associar o estudo da criança e do jovem ao do seu consumo deu origem a um dos fenómenos mais interessantes da construção da 'criança' (e do 'jovem'): uma vez inseridos em modelos mais ou menos deterministas de influência dos média, os jovens 'desaparecem' na sua diferença dos adultos. No quadro da análise de artefactos culturais *usados* pelos jovens (e já não *produzidos* por eles, como se defendia no quadro de teorizações de subculturas jovens), conjugando formas de consumo — de negociação, fantasia, aceitação, rejeição — com a análise de conteúdos dos produtos consumidos, tanto os discursos contemporâneos sobre a 'televisão e a criança', como sobre os jovens, se encontram sujeitos a teorizações do desaparecimento de ambas categorias (crianças e jovens). É este o argumento de Lawrence Grossberg (1986), que apresenta como razões justificativas do desaparecimento dos jovens — no qual ele engloba as crianças pré-púberes (e os textos sobre, e para, eles) — a partir dos modos de fazer sentido dessa categoria, surgiu uma geração jovem conservadora, o 'me generation' ou 'mean generation'; as novas formas de cultura para os jovens, predominantemente tecnológicas, como o 'walkman', os jogos de vídeo e de computador, constróem a juventude numa esfera de 'contenção', mais protectora do que resistente; a juventude foi rearticulada como categoria social, corpo material, por discursos e práticas que se interpenetram: vive-se uma contradição central entre os que são jovens no presente e não têm poder e as gerações que procuram definir a juventude como uma atitude; os primeiros estão cada vez mais adultos e os segundos lidam mal com as noções tradicionais de vida adulta e procuram prolongar o mais possível as sensações da juventude. Os primeiros sabem de mais e são demasiado cínicos, regressaram à noção de juventude como treino para a idade adulta, com o seu lazer e as suas actividades próprias, mas simultaneamente com o cinismo de quem vive à superfície e sem planear o futuro.

A representação da juventude alterou-se e vive pela ausência; não faz diferença que se seja jovem ou não, os jovens são progressivamente assimilados aos adultos, progressivamente sexualizados e transformados em alvos da produção e do consumo. A família como espaço de protecção da criança está na mira das críticas como o lugar onde ocorre o incesto e a violência sobre a criança e vacila sob pressões de concepções de criança apoiadas em novas identidades infantis que ameaçam o modelo de dependência e protecção; a juventude passou também a significar um estado de preparação física do corpo e a ser valorizada como um objectivo de vida (para toda a vida).

Este tipo de discursos pode ser explicado como expressão da incapacidade de os adultos policiarem e vigiarem a criança por intermédio da produção de culturas para ela, que a mantém segregada dos adultos, mas ganha igualmente se for articulado com questões de identidade ou de identificação (Rose 1998, 93), nomeadamente com uma noção, como a de *différance* (Grossberg 1996, 90), segundo a qual o termo subalterno (criança) é constitutivo do dominante (adulto), coexistindo ambos num contexto de instabilidade dada a própria natureza da linguagem e dos processos de significação.

A 'criança' representa uma ambiguidade ou instabilidade na definição da identidade do 'adulto' (utilizamos as aspas para assinalar uma categoria), a qual deve ser entendida como instável e fruto de condições históricas específicas. A criança tanto é chamada a suplementar o adulto (enquanto sinónimo de originalidade, naturalidade ou espontaneidade, passado ou futuro) como adquire a conotação negativa do outro exótico, alienado do adulto. Assim se explicaria que, no primeiro caso, a criança constituísse uma possibilidade de subjectividade e, no segundo, uma subjectividade incompreensível, inaceitável. Os dois sentidos antagónicos coexistem na 'criança' e são inseparáveis.

A AGÊNCIA CULTURAL INFANTIL

O reconhecimento de que mesmo o público infantil é capaz de negociar conteúdos e imagens — que tem constituído a vertente teórica principal de uma série de projectos de investigação sobre as crianças (McRobbie 1991; 1994; Kinder 1991; Nava 1992; Nava and Nava 1996; Walkerdine 1997) — continua a subscrever no essencial uma metodologia etnográfica, mas articulando-a com metodologias complementares, mais ligadas às práticas da sociologia, autobiografia (Walkerdine 1997; Steedman 1991; 1995), análise textual (McRobbie 1994; 1997; Walkerdine 1997), já que os projectos de investigação etnográfica e empírica sobre subculturas jovens e padrões de consumo e de actuação social e familiar das raparigas (McRobbie 1991, 1994; Nava 1992; Walkerdine 1984; 1988; 1991; 1992; 1993; 1996; 1997; 1998) ou dos jovens reflectem uma modalidade de análise cultural exclusivamente centrada no presente e numa noção de experiência considerada o lugar da autenticidade.

Valerie Walkerdine (1997) constitui um estudo que visa contradizer, usando métodos de investigação etnográfica e de análise textual, a tese da massificação das audiências e a ideia que a televisão 'castra' a imaginação criativa 'genuína' das crianças. O estudo, característico da articulação de alguma investigação contemporânea entre idade, agência e subjectividade, define a relação de pequenas raparigas das classes trabalhadoras com imagens televisivas de outras raparigas como sendo de sentidos desejados, de fantasias 'dos trapos à riqueza', que emprestam brilho ao seu ambiente pouco atraente e monótono, sem que as crianças substituam os segundos pelos primeiros ou se deixem dominar por eles. Walkerdine descreve o efeito da literatura infantil e dos média para as crianças das classes trabalhadoras como fantasia que, a par de outros aparelhos reguladores, levam as crianças a auto-produzirem-se como estrelas de cinema ou imagens desejadas de feminilidade, afastando-se dos papéis que as práticas familiares da classe que ocupam determinam.

O estudo de Valerie Walkerdine filia-se numa determinada perspectiva de investigação da criança que se parece ter vulgarizado: os estudos culturais, que tendem a colocar preferencialmente a criança no quadro de investigação (sociológica) sobre televisão, articulando, por intermédio da expressão 'televisão e criança', ansiedades adultas várias. Um relancear de olhos sobre a investigação nos estudos culturais revela que aquela associa a criança essencialmente à televisão e, nesse quadro, não só a uma análise sociológica dos efeitos da violência e de delinquência dessa instituição social e económica, mas também, recentemente, a metodologias etnográficas que privilegiam quase sempre processos de interacção social das crianças com a televisão, análises dos discursos dos espectadores, entrevistas aos últimos, marginalizando o exame de aspectos textuais (Himmelweit et al 1958; Morley 1986; Hodge and Tripp 1986; Bazalgette and Buckingham 1993; Aday 1997; Gunter and McAleer 1997; Stanger 1997; Walkerdine 1986; 1997).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Aday, Sean. (1997). *Newspaper Coverage of Children's Television: A 1997 Update*. Philadelphia, PA.: University of Pennsylvania.
- Bazalgette, Cary, and David Buckingham, eds. 1995. *In Front of the Children: Screen Entertainment and Young Audiences*. London: BFI.

- Benton, Michael. (1994). The Image of Childhood. Representations of the Child in Painting and Literature, 1700-1900. *Children's Literature in Education*. 27, 1. 35-60.
- Brazelton, Terry. (1983). *Infants and Mothers*. New York: Delacorte Press.
- Cadogan, Mary, and Patricia Craig. 1986. *You're a Brick, Angela! The Girls' Story 1839-1985*. London: Victor Gollancz.
- Cox, Roger. (1996). *Shaping Childhood. Themes of Uncertainty in the History of Adult-Child Relations*. London and New York: Routledge.
- Cunningham, Hugh. (1991). *Children of the Poor: Representations of Childhood since the 17th Century*. Oxford: Blackwell.
- Donaldson, Margaret. (1978). *Children's Minds*. Glasgow: Fontana.
- Dolto, Françoise, et Juan Nasio. (1976). *L'Enfant du Miroir*. Paris: Rivages.
- Falchikov, Nancy. (1991). Images of Childhood in the British Press. Social Science Working Paper. 3. Napier Polytechnic.
- Fleming, Dan. (1996). *Toys as Popular Culture*. Manchester and New York: Manchester University Press.
- Fuller, Peter. (1979). Uncovering Childhood. In *Changing Childhood*. Ed. M. Hoyles. London: Writers and Readers Publishing Cooperative.
- Giroux, Henry. (1994). *Disturbing Pleasures*. New York: Routledge.
- Grossberg, Lawrence. (1986). The Deconstruction of Youth. *Critical Studies in Mass Communication*. 3. 50-74.
- . (1996). History, politics and postmodernism: Stuart Hall and cultural studies. In *Stuart Hall. Critical Dialogues in Cultural Studies*. Ed. D. Morley et al. London and New York: Routledge. 151-173.
- Gunter, Barrie, and Jill McAleer. (1997). *Children and Television*. London: Routledge.
- Hardman, Charlotte. (1973). Can There Be an Anthropology of Children? *Journal of the Anthropological Society of Oxford*. 4, 1. 85-99.
- Himmelweit, Oppenheim and Vince. (1958). *Television and The Child*. Oxford: Oxford University Press.
- Hodge, Bob, and David Tripp. (1986). *Children and Television: A Semiotic Approach*. Cambridge: Polity Press.
- Holland, Patricia. (1992). *What is a Child? Popular Images of Childhood*. London: Virago.
- . (1996). 'I've Just Seen a Hole in the Reality Barrier!': Children, Childishness and the Media in the Ruins of the Twentieth Century. In *Thatcher's Children? Politics, Childhood and Society in the 1980s and 1990s*. Ed. J. Pilcher et al. London and Washington: Falmer Press. 155-171.
- James, Allison. (1982). Confections, Concoctions and Conceptions. In *Popular Culture. Past and Present*. Ed. B. Waites et al. London and New York: Open University. 284-293.
- James, A., and A. Prout, eds. (1990). *Constructing and Reconstructing Childhood*. Basingstoke: Falmer.
- Jenks, Chris. (1996). *Childhood*. London: Routledge.
- Kinder, Marsha. (1991). *Playing with Power in Movies, Television and Video Games. From Muppet Babies to Teenage Mutant Ninja Turtles*. Berkeley, Los Angeles and Oxford: University of California.
- Kline, Stephen. (1993). *Out of the Garden: Toys and Children's Culture in the Age of TV Marketing*. London: Verso.
- Knowles, M., and Malmkjaer, K. (1996). *Language and Control in Children's Literature*. London and New York: Routledge.
- Leach, Penelope. (1994). *Children First. What Society Must Do – And Is Not Doing – For*

- Children Today*. London: Penguin.
- Matthews, John. (1999). *The Art of Childhood and Adolescence. The Construction of Meaning*. London: Falmer Press.
- McRobbie, Angela. (1991). *Feminism and Youth Culture: From Jackie to Just Seventeen*. London: Macmillan.
- . (1994). *postmodernism and popular culture*. London: Routledge.
- , ed. (1997). *Back to Reality. Social Experience and Cultural Studies*. Manchester: Manchester University Press.
- Miles, Rosamond. (1994). *The Children We Deserve. Love and Hate in the Making of the Family*. London: Harper-Collins.
- Morley, David. (1986). *Family Television: Cultural Power and Domestic Leisure*. London: Comedia.
- Nava, Mica. (1992). *Changing Cultures. Feminism, Youth and Consumerism*. London: Sage Publications.
- Nava, Mica, and Orson Nava. (1996). Discriminating or Duped? Young People as Consumers of Advertising/Art. In *Media Studies. A Reader*. Ed. P. Marris et al. Edinburgh: Edinburgh University Press. 503-509.
- Pilcher, Jane, and Silas Wagg, eds. (1996). *Thatcher's Children? Politics, Childhood and Society in the 1980s and 1990s*. London: Falmer Press.
- Rose, Jacqueline. (1992). *The Case of Peter Pan or the Impossibility of Children's Fiction*. London: Macmillan.
- . (1998). *States of Fantasy*. Oxford: Clarendon Press.
- Sarland, Charles. (1991). *Young People Reading: Culture and Response*. Milton Keynes, Philadelphia: Open University.
- Sharpe, Sue (1994). "Just Like a Girl". *How Girls Learn to Be Women. From the Seventies to the Nineties*. London: Penguin.
- Spock, Benjamin. (1985). *Dr. Spock's Baby and Child Care*. New York: Pocket Books.
- Stanger, Jeffrey. (1997). *Television in the Home. The 1997 Survey of Parents and Children*. Working Paper. University of Pennsylvania.
- Staples, Terry. (1997). *All Pals Together. The Story of Children's Cinema*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Steedman, Carolyn, (1991). *Childhood, Culture and Class in Britain. Margaret Macmillan 1860-1931*. London: Virago.
- . (1995). *Strange Dislocations: Childhood and the Idea of Human Integrity 1780-1930*. London: Virago.
- Walkerdine, Valerie. (1984). Dreams from an Ordinary Childhood. In *Truth, Dare or Promise*. Ed. E. Heron. London: Virago.
- . (1988). *The Mastery of Reason*. London: Routledge.
- . (1991). *Schoolgirl Fictions*. London: Verso.
- . (1992). Reasoning in a Post-Modern Age. In *Mathematics, Education and Philosophy*. Ed. P. Ernest. London: Falmer.
- . (1993). Daddy's Gonna Buy You a Dream to Cling to. In *Reading Audiences*. Ed. C. Buckingham. Manchester: University of Manchester Press.
- , ed. (1996). *Feminism and Psychology: Special Issue on Class*. Vol. 6, 3.
- . (1997). *Daddy's Girl. Young Girls and Popular Culture*. London: Macmillan Press Ltd.
- . (1998). Popular Culture and the Eroticization of Little Girls. In *The Children's Culture Reader*. Ed. Henry Jenkins. New York and London: New York University Press. 254-264.

- Warner, Marina. (1993). Through a Child's Eyes. Internal BFI Seminar, 12 February 1992. In *Cinema and the Realms of Enchantment: Lectures, Seminars & Essays by Marina Warner & Others*. Ed. D. Petrie. BFI Working Papers. London: British Film Institute. 36-62.
- . (1995). *Managing Monsters. Six Myths for Our Times. The 1994 Reith Lectures*. London: Vintage.
- Winn, Marie. (1977). *The Plug-In Drug*. New York: Viking Press.
- . (1984). *Children Without Childhood*. Harmondsworth: Penguin.
- Winnicott, D. W. (1964). *The Child, the Family and the Outside World*. Harmondsworth: Penguin.
- Woodhead, Martin. (1990). Psychology and the Cultural Construction of Children's Needs. In *Constructing and Reconstructing Childhood*. Ed. A. James et al. Basingstoke: Falmer. 60-77.
- Woods, P. (1980). *Pupil Strategies: Explorations in the Sociology of the School*. London: Croom Helm.
- Zhao, Bin, and Graham Murdock. (1996). Young Pioneers: Children and the Making of Chinese Consumerism. *Cultural Studies*. 10, 2. 201-217.
- Zipes, Jack. (1997). *Happily Ever After*. London: Routledge.